A territorialização da pecuária de corte no oeste paulista

Danton Bini

Resumo: Este trabalho apresenta a ação hegemônica, desde a década de 1950, que a pecuária bovina de corte exerce nas áreas rurais do oeste paulista (SP). Enquanto uma totalidade parcial do espaço geográfico em que atua o setor, a região se transformou em um referencial nacional na tomada de preços dos bovinos em peso de abate. No atual processo de deslocamento da boiada nacional do Centro-Sul para o Norte do país, neste trabalho se retrata a participação dos agropecuaristas regionais nesse desenrolar. Mesmo com a diminuição do percentual da boiada nacional presente nas áreas agrícolas da região, dos escritórios localizados nos edifícios agropecuários de Araçatuba, Presidente Prudente e Ribeirão Preto, a elite ruralista dá o encaminhamento de suas possessões na longínqua frente de expansão da atividade em terras setentrionais do Brasil.

Palavras-chave: pecuária bovina de corte; região oeste; São Paulo; espaço geográfico; poder territorial.

La territorialización del ganado vacuno en el oeste de Sao Paulo, Brasil

Resumen: Este trabajo presenta la acción hegemónica, desde la década de 1950, que la ganadería de bovinos de corte ejercen en las áreas agrícolas de la región oeste de la provincia de Sao Paulo (SP). Como retazo del espacio geográfico donde actúa el sector, la región si transformaste en un referencial nacional en tomar los precios de los bovinos en peso de sacrificio. En el proceso actual de la dislocación de la boyada nacional del Centro-Sur al Norte en el país, en este trabajo si retracta la participación de los ganaderos regionales en esto transcurrir.

Palabras-llave: ganadería de bovinos de corte; región oeste; Sao Paulo; espacio geográfico; poder territorial.

Introdução

Mesmo com a expansão da cultura canavieira na região iniciada no começo da década de 1980 e acentuada nos anos 2000, a pecuária bovina de corte manteve ocupando a maior fatia da área rural regional. Atividade produtiva propulsora de pouca diversidade em seu complexo agroindustrial (Costa & Wong, 1982), no oeste paulista (que para este trabalho se define como a junção das Regiões Administrativas de Araçatuba, Presidente Prudente e São José do Rio Preto), ocupando entre 1970 e 2010 mais de 70% das terras[1], a pecuária, através de seus atores econômicos – os pecuaristas – não inverteu seus capitais de forma expressiva em inovações ou em outras atividades produtivas, geradoras de diversificação e desenvolvimento. A partir do uso extensivo das terras, a maioria dos pecuaristas, sem condições ou interesse em correr riscos com inovações, sempre especulou junto ao poder público e à iniciativa privada (o mercado) pelo aparecimento de outras atividades agrícolas com custos de oportunidade mais vantajosos que possibilitassem o uso mais intensivo de suas propriedades ou suas valorizações (Sayad, 1977). Já os mais capitalizados, ao invés de inverterem seus lucros no espaço geográfico regional, transferiram parte dos seus negócios para a fronteira agrícola do território brasileiro no Centro-Oeste e Norte. Toda esta improdutividade consolidou o oeste paulista como a região de *"menor contribuição relativa tanto para a formação do valor da produção agrícola como para o total da área cultivada no oeste paulista e no total do Estado"* (VASCONCELOS, 1992, p. 21).

Objetivos da Pesquisa

Neste trabalho se pretende apresentar a pecuária bovina de corte como uma atividade que hegemonizando o uso do espaço agrícola da região oeste paulista subutilizou as potencialidades da agricultura regional priorizando a posse da terra enquanto reserva de valor na busca de se obter ganhos especulativos quando no aparecimento de outras atividades com retornos mais lucrativos. Os

[1] Banco de Dados do Instituto de Economia Agrícola (IEA/SAA); Acesso Disponível em 14/08/2008.

encaminhamentos apresentados pelos pecuaristas na região quando da expansão da atividade canavieira no oeste paulista são apresentados como exemplos dessa característica do setor pecuário.

Métodos

Para a confecção deste trabalho se realizou pesquisas bibliográficas sobre a região oeste do estado de São Paulo, especificando os reflexos da atividade da pecuária bovina de corte na ocupação das terras regionais; pesquisas em revistas especializadas na atividade da pecuária bovina de corte; obtenção e análise de dados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Economia Agrícola (IEA) e trabalhos de campo e entrevistas no oeste paulista.

Resultados do estudo

Presenciou-se que o oeste paulista se constituiu historicamente como um fragmento do espaço geográfico ocupado pelo circuito espacial de produção da pecuária bovina de corte especializado na engorda de bovinos[2]. Cria e recria sempre foram especializações prioritárias do Centro-Oeste do país. Como a vaca no período de amamentação e o bezerro em fase de crescimento comem bem mais e necessitam de um espaçamento maior do que os bovinos nos momentos posteriores do manejo, direcionou-se tradicionalmente a cria e a recria para grandes áreas de terras mais baratas no território brasileiro. A engorda extensiva, fase final antes do abate, aconteceu até momento recente, prioritariamente em terras paulistas próximas às plantas frigoríficas.

Com a economia regional dependente dos ditames da elite pecuarista possuidora da maior fatia da riqueza, somente no fim dos anos 1970, onde as economias nacional e mundial vivenciavam o início de uma decadência, que a região oeste do estado de São Paulo passa a receber com intensidade investimentos propiciadores de crescimento econômico. Data-se do II PND (1975-1979), com os surgimentos do Programa Nacional do Álcool (Proálcool - 1975), e seus congêneres estadual (Pró-Oeste – 1980) e regional (Plano Regional de

[2] Daí a denominação dada para Araçatuba, uma das três cidades-pólos das regiões em análise, como a capital nacional do boi gordo.

Produção do Álcool - 1979), o momento em que as políticas públicas de modernização do campo brasileiro vão ao encontro dos pecuaristas regionais.

Fotos 1: Frigorífico TMaia em Araçatuba em torno dos Anos 1960

Fonte: Câmara Municipal de Araçatuba (sem data).

Com o aumento da demanda de etanol e a escassez de áreas nas regiões tradicionais, vislumbra-se o oeste paulista como alvo da investida necessária à expansão dos canaviais. Enquanto parte desse espaço geográfico requisitado pelo aumento da demanda do produto no mercado de combustíveis, numa 1ª fase do Próalcool, alguns poucos projetos foram apresentados e aprovados na região, o que resultou na construção de algumas destilarias internas à delimitação regional.

As obras tiveram financiamento de 100 % via Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), com juros reais negativos advindos dos subsídios governamentais. Constitui-se no Oeste Paulista a territorialidade daquilo que Rego (1990) denominou de binômio cana-boi: como tanto a atividade canavieira, quanto a pecuária bovina de corte ficaram sob o comando econômico dos mesmos atores hegemônicos, a denominação cana-boi, como manifestação dessa ligação veio a calhar para a interpretação desse fenômeno.

A segunda fase do Proálcool se iniciou em 1979. Devido a outro choque no mercado do petróleo, a partir desse momento o governo federal decide investir, junto

com as indústrias automobilísticas, na construção de uma frota de veículos movida a álcool hidratado. Para efetivar esse planejamento, novas áreas foram requisitadas e o Oeste Paulista se revigora como uma das principais regiões a receber os investimentos para a expansão do setor.

Assim, concretizando-os, em 1980 foi lançado o Plano de Desenvolvimento Agrícola do Oeste de São Paulo, o Pró-Oeste. Amparado por um 'Programa de Expansão da Canavicultura para Produção de Combustível do Estado de São Paulo' (Pró-Cana), o Pró-Oeste foi um braço estadual do plano federal (Proálcool).

Na busca de convencer os pecuaristas, donos da maioria das terras, a aderirem à cultura canavieira, os técnicos paulistas apresentaram as possibilidades de intensificação do manejo do gado de corte, concentrando-os em pequenos espaços e utilizando o bagaço da cana temperado como ração. Assim, o discurso do Pró-Oeste é dirigido aos pecuaristas, *"que além das vantagens com a produção de cana, teriam apoio para o desenvolvimento da própria pecuária"* (Rego, 1990, p. 73).

Sobre a posição dos pecuaristas, Espírito Santo (2005), diz que,

"... ao optarem pelas benesses do Proálcool (crédito, programas de apoio, compra garantida pelo governo), eles, como era de se esperar, não queriam correr risco algum ao trocar de atividade produtiva para o que contaram com o imprescindível apoio do Estado" (ESPÍRITO SANTO, 2005, p. 128).

Manifestando seu caráter conservador e oportunista, a elite regional se convence do bom negócio[3] e em 1981, com a aprovação de novos projetos, instalam-se na região novas usinas. São novos objetos e ações que passam a ditar a lógica territorial da região. Contudo, no ano de 1989, o preço do barril do petróleo atinge preços baixíssimos e a cotação do açúcar sobe no mercado internacional: é a crise de abastecimento do álcool. Os consumidores passam a preferir os carros a gasolina, pois estes começam a apresentar preços relativos melhores: os usineiros direcionam seus investimentos para a produção do açúcar (Veiga Filho, 1998). Com essa queda da demanda do etanol, em meados da década de 1990, destilarias autônomas interromperam ou diminuíram muito suas produções e com a desregulamentação do setor (com o fim dos subsídios) uma reestruturação produtiva

[3] Segundo Rego (1990), trocando o certo pelo absolutamente certo.

é iniciada. Aumentaram-se as escalas de produção das unidades agroindustriais, tendendo a permanência somente dos grupos mais capitalizados.

O mesmo acontece com a cadeia produtiva da carne bovina. Novos frigoríficos (equipados com as inovações do momento) são levantados nas regiões mais próximas das novas invernadas (Centro-Oeste e Norte), reduzindo a importância relativa do estado de São Paulo no setor. Nesse desencadear de transformações, entre 1990 e 2000, a pecuária bovina de corte, mesmo diminuindo sua extensão, manteve-se como atividade hegemônica, ocupando em torno de 80% das terras da região oeste paulista, com um aumento de 13% do tamanho do rebanho regional. A partir de um manejo prioritariamente extensivo, a busca de melhoramentos genéticos dos plantéis (com obtenção de precocidade do rebanho) e manejo de pastagens melhoradas continuou sendo apontamentos de intensificação de uma minoria de pecuaristas[4].

No início dos anos 2000, o etanol novamente passa a apresentar custos relativos favoráveis em relação à gasolina gerada com os conflitos bélicos intensificados no Oriente Médio[5]. Adicionado à introdução da inovação do carro flex fuel e com a problemática ambiental acentuada pelos relatórios surgidos no retrato do aquecimento global ocasionado principalmente pela queima dos combustíveis fósseis se firma a perspectiva de mudança do paradigma energético mundial, onde vários países do mundo estudam a anexação do etanol como um dos combustíveis alternativos.

---

[4] Cabe destacar que desde 1989, fruto do lobby desencadeado pela elite pecuarista regional frente ao poder público estadual, Araçatuba adquiriu as instalações de uma unidade do curso de medicina veterinária da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Através da formação de profissionais especializados no manejo da pecuária, a atividade passa a obter uma maior oferta de mão-de-obra qualificada e acesso mais facilitado às inovações tecnológicas e organizacionais do setor.

[5] Em meados de 2003, o preço do barril do petróleo estava valendo ao redor dos 25 dólares; em julho de 2006 atingiu 75 dólares, e no momento atual – segundo semestre de 2008 -, beira os 150 dólares.

Tabela 1 – Oeste Paulista: Área de Ocupação das Pastagens, Número do Rebanho Bovino e Relação Bovinos/Ha (1990 e 2000).

Ano	Área de Pastagens (Há)	Número do Rebanho Bovino	Relação Bovino/Ha
1990	4.288.304	5.380.319	1,25
2000	4.476.461	6.204.561	1,39

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA), Banco de Dados (http://www.iea.sp.gov.br/out/banco/menu.php); Acesso Disponível em 14/02/2011.

Sendo assim, a partir de 2001, projetos de novas usinas e anexação de canaviais para a produção de álcool combustível começam a se tornar atrativos à elite econômica regional. Tradicionais pecuaristas que na década de 1980 resistiram ao projeto sucroalcooleiro não suportam as ofertas dadas pelas usinas ao arrendamento de suas terras. Adicionado ao declínio do preço da arroba vigorante nessa primeira metade da década, inicia-se um processo mais intenso de deslocamento da boiada para pastagens mais baratas recém formadas fruto do desmatamento da floresta amazônica no Centro-Oeste (Mato Grosso, com incremento de 37,5% em seu plantel entre 2000 e 2009) e Norte do país (com reajustes na quantidade de bovinos de 103,6% em Rondônia; 60,2% no Amazonas e 58,1% no Pará), o que possibilitou menores custos de produção e especulação fundiária com valorizações posteriores nestas áreas abertas (Pinheiro, 1980).

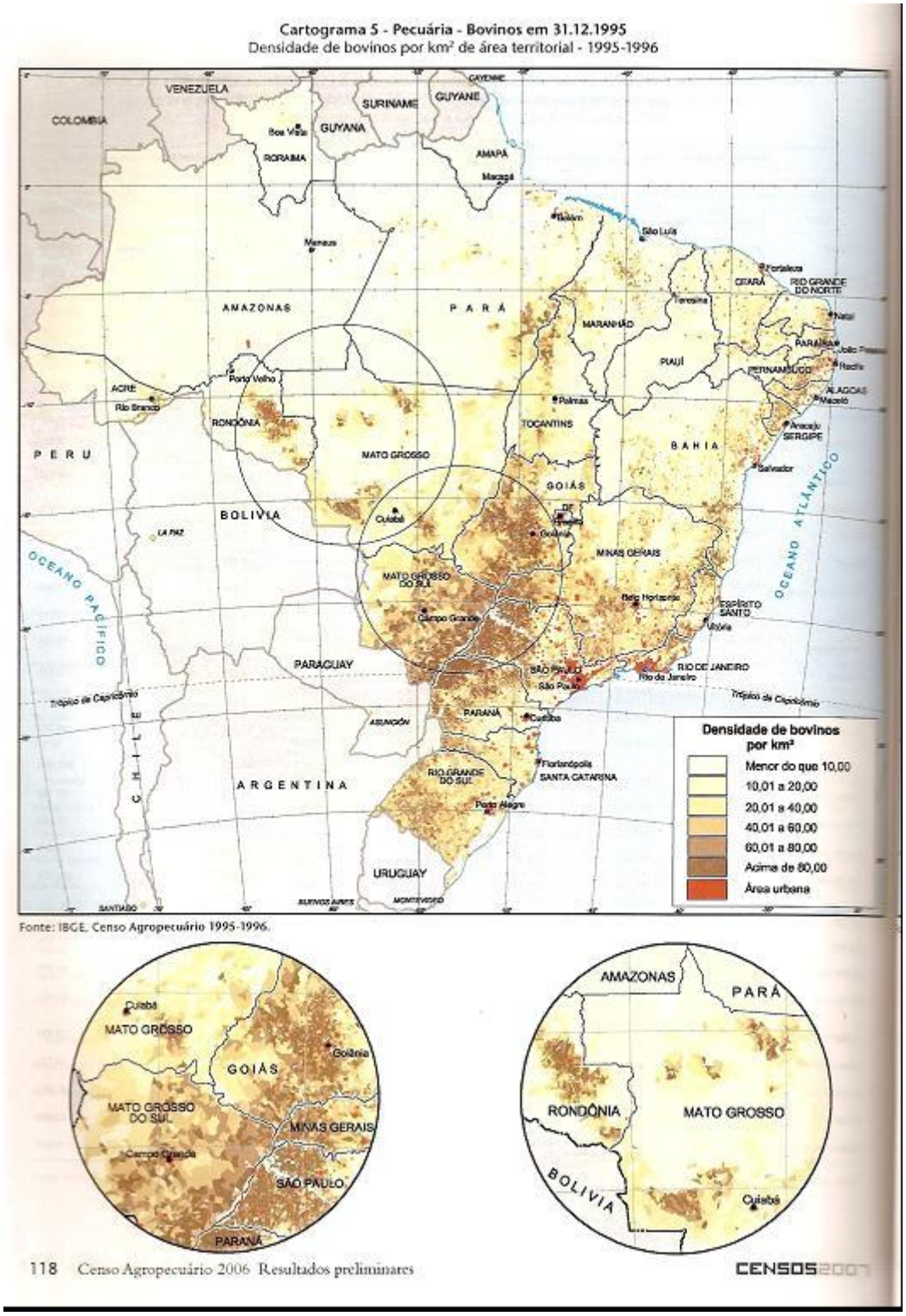
Tabela 2 – Brasil: Número do Rebanho Bovino por Estado (2000 e 2009).

Pecuária	2000	%	2009	%	Var.
Acre	1.033.311	0,6	2.511.285	1,2	143,0
Alagoas	778.750	0,5	1.193.021	0,6	53,2
Amapá	82.822	0,0	104.977	0,1	26,8
Amazonas	843.254	0,5	1.350.816	0,7	60,2
Bahia	9.556.752	5,6	11.099.880	5,5	16,1
Ceará	2.205.954	1,3	2.494.482	1,2	13,1
Distrito Federal	112.139	0,1	102.000	0,1	-9,0
Espírito Santo	1.825.283	1,1	2.187.235	1,1	19,8
Goiás	18.399.222	10,8	20.466.360	10,0	11,2
Maranhão	4.093.563	2,4	6.885.265	3,4	68,2
Mato Grosso	18.924.532	11,1	26.018.216	12,8	37,5
Mato Grosso do Sul	22.205.408	13,1	22.325.663	11,0	0,5
Minas Gerais	19.975.271	11,8	22.369.639	11,0	12,0
Pará	10.271.409	6,0	16.240.697	8,0	58,1
Paraíba	952.779	0,6	1.236.276	0,6	29,8
Paraná	9.645.866	5,7	9.562.113	4,7	-0,9
Pernambuco	1.515.712	0,9	2.297.366	1,1	51,6
Piauí	1.779.456	1,0	1.682.111	0,8	-5,5
Rio de Janeiro	1.959.497	1,2	2.124.243	1,0	8,4
Rio Grande Norte	803.948	0,5	1.150.028	0,6	43,0
RG Sul	13.601.000	8,0	14.366.298	7,1	5,6
Rondônia	5.664.320	3,3	11.532.891	5,7	103,6
Roraima	480.400	0,3	475.380	0,2	-1,0
Santa Catarina	3.051.104	1,8	3.966.165	1,9	30,0
São Paulo	13.091.946	7,7	11.197.605	5,5	-14,5
Sergipe	879.730	0,5	1.120.832	0,6	27,4
Tocantins	6.142.096	3,6	7.605.249	3,7	23,8
Brasil	169.875.524	100,0	203.666.093	100,0	19,9

Fonte: IBGE, Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA). Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25 jul. 2010.

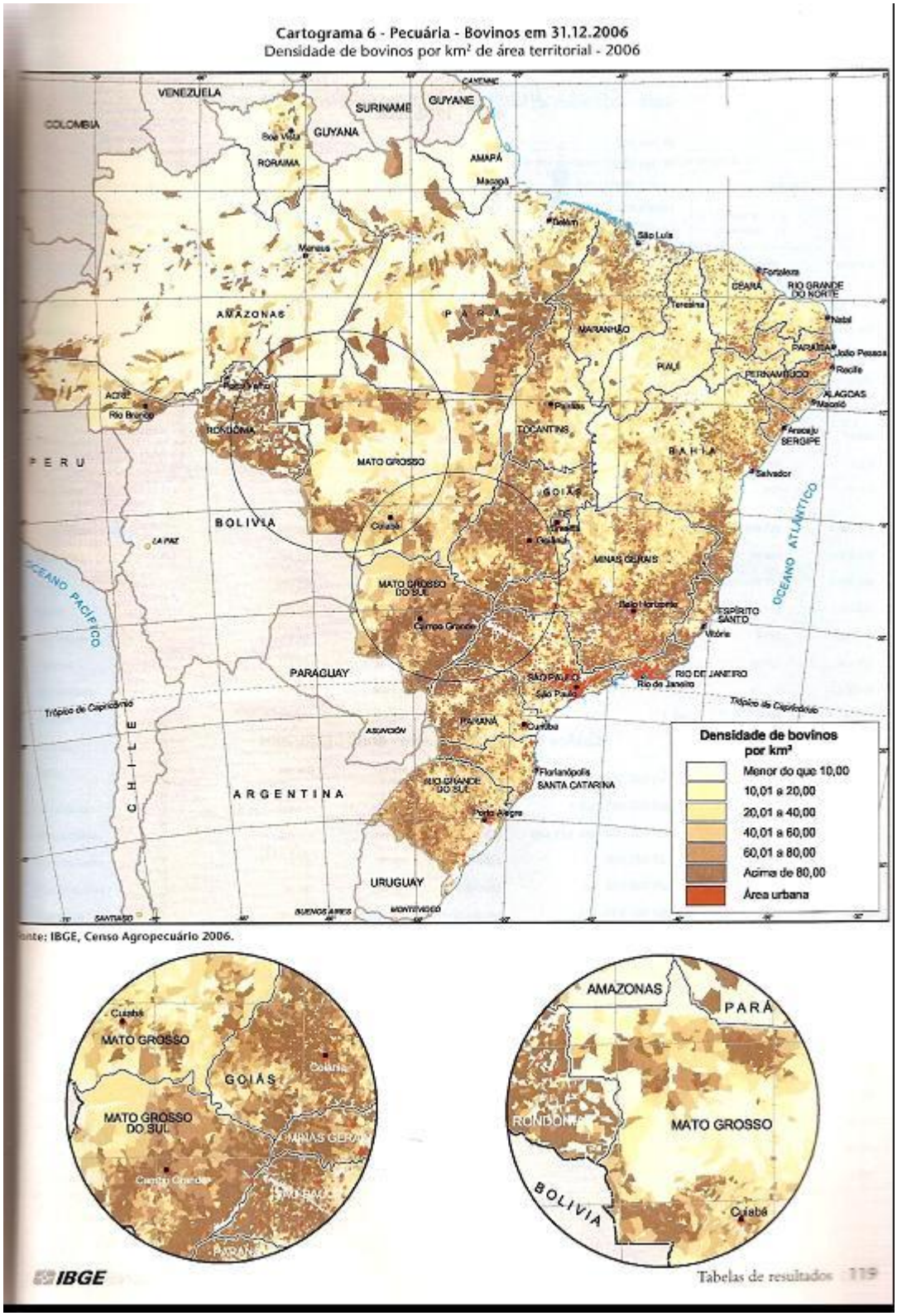
Torna-se atrativa a engorda no oeste paulista, - competindo com a lucratividade oferecida em meados da primeira década dos anos 2000 pela cultura da cana-de-açúcar – quando intensificada em confinamentos e semi-confinamentos (Rocha Filho, 2006). Seguindo esses indicadores, estima-se que no ano de 2007 quase 200.000 bovinos tenham passado seus últimos 120 dias de engorda em manejos intensificados localizados na região, onde recebem uma alimentação diferenciada à base de sorgo, milho, polpa cítrica e bagaço de cana suplementada por uma mistura de minerais específicos para a engorda de bovinos.

Mapa 1: Distribuição de Bovinos no Território Brasileiro (1995-1996



Fonte: Censo Agropecuário 2006, Resultados Preliminares, IBGE, Rio de Janeiro, 2007.

Mapa 2: Distribuição de Bovinos no Território Brasileiro (2006)



Fonte: Censo Agropecuário 2006, Resultados Preliminares, IBGE, Rio de Janeiro, 2007.

Foto 2: Abastecimento de Cocho em Confinamento no Município de Guararapes, Região Oeste Paulista (SP).

Fonte: Bini, 2008.

Com essas transformações – deslocamento gradual da atividade de engorda extensiva para outras localidades do país e intensificação dessa fase do processo produtivo em terras araçatubenses – diminuiu nos últimos anos a área de pastagens e o número de bovinos no espaço geográfico regional (Tabela 2).

Foto 3: Deslocamento de Boiada na Frente de Expansão Agropecuária Margeando a Floresta Amazônica

Fonte: http://area3.updateordie.com/files/2009/06/gado_amazonia.jpg; Acesso em 04/09/2009.

Apresentando um aumento irrisório na relação bovinos/ha entre os anos de 2000 e 2010, o que se observou em trabalhos de campo realizados na região, é que parte das áreas computadas como de pastagens existentes estão praticamente sem rebanho, existindo enquanto reserva de valor, num ato especulativo onde se vigora um processo de negociação para a instalação tanto de canaviais pelas novas usinas de açúcar e álcool que estão sendo construídas no oeste paulista quanto de outras culturas que possibilitem retornos via arrendamento.

Tabela 3 – Oeste Paulista: Área de Ocupação das Pastagens, Número do Rebanho Bovino e Relação Bovinos/Ha (2000 - 2010)

Ano	Área de Pastagens (Ha)	Número do Rebanho Bovino	Relação Bovino/Ha
2000	4.476.461	6.204.561	1,39
2010	3.236.583	5.209.045	1,61

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA), Banco de Dados (http://www.iea.sp.gov.br/out/banco/menu.php): Acesso Disponível em 14/02/2011.

Considerações Finais

Cabe ressaltar, que fruto da herança histórica enquanto “capital do boi gordo” adquirida em meados do século XX e pelo domínio que ainda exercem sobre uma fatia da atividade pecuária brasileira, mesmo direcionando cada vez mais suas ações no setor para o Centro-Oeste e Norte do país, são de seus escritórios localizados principalmente na região central de Araçatuba, Presidente Prudente e São José do Rio Preto que os pecuaristas regionais dão suas cartadas no direcionamento do mercado nacional de bovinos.

Literatura Citada:

COSTA, L. B. & WONG, L. R. **Análise Demográfica Regional – Região de Araçatuba: Uma Área de Esvaziamento Populacional?** SEADE. São Paulo, 1982.

ESPÍRITO SANTO, C. R. **Dinâmica do Desenvolvimento Rural na Região de Araçatuba (SP)**. Tese de Doutorado. FCT. UNESP. Presidente Prudente, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário 2006: Resultados Preliminares**. Rio de Janeiro, IBGE, 2006.

_____, **Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA)**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25 jul. 2010.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. **Banco de dados IEA**. Disponível em: <http://www.iea.sp.gov.br/>. Acesso em: 14 fev. 2011.

MANFREDI NETO, P. **O trem da morte – o imaginário do progresso na Noroeste (1905-1930)**. Dissertação de Mestrado. FFLCH. USP. São Paulo, 1995.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2ª edição. Hucitec-Polis. São Paulo, 1998.

PINHEIRO, F. A. **A Renda e o Preço da Terra: Uma Contribuição à Análise da Questão Agrária Brasileira**. Tese de Livre-Docência. ESALQ-USP. Piracicaba, 1980.

REGO, M. T. R. **Proálcool na região de Araçatuba: o doce fel do binômio cana-boi**. Tese de Doutorado. FFLCH, USP, São Paulo, 1990.

ROCHA FILHO, R. **Comparação de Rentabilidade em Propriedade com Pecuária de Corte e Cultivo da Cana-de-açúcar**. Estágio Profissionalizante em Engenharia Econômica. Departamento de Economia, Administração e Sociologia. ESALQ. USP. Piracicaba, 2006.

SAYAD, J. **Preço da Terra e Mercados Financeiros**. Pesquisa e Planejamento Econômico, vol. 7, nº. 3, São Paulo, Dez. 1977, pp. 623-662.

VASCONCELOS, L. A. T. **Desenvolvimento econômico e urbanização nas Regiões Administrativas de São José do Rio Preto e de Araçatuba**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

VEIGA FILHO, A. **Fatores explicativos da mecanização do corte na lavoura canavieira paulista**, Informações Econômicas. volume 28, nº 11, Instituto de Economia Agrícola, Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado de São Paulo, São Paulo novembro/1998.

VEIGA FILHO, A. A. & MATSUNAGA, M. & YOSHII, R. J. **Proposta de Redirecionamento do Proálcool: Uma Pauta para Discussão**. Informações Econômicas, Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, São Paulo, Dezembro/1987.